

TRUMP PODE CONTINUAR LUTANDO MAIS ALGUMAS SEMANAS; OS IRANIANOS, MESES

A matemática dos mísseis e a logística determinarão o fim deste conflito; uma opinião experiente sobre o limiar da dor, a vontade de lutar e os estoques de interceptores entre Israel, EUA e Irã, focando nos fatos militares no terreno e evitando julgamentos de valor.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Vamos analisar algumas das grandes questões que nossos leitores e nós mesmos temos. Quanto tempo durará esta guerra? Qual será o resultado final? Quem vencerá? Quem perderá? Haverá uma mudança de regime ou não? Que tipo de regime surgirá? Quais serão as consequências a longo prazo desta guerra?

Tentaremos esclarecer essa Névoa da Guerra 2.0. Vamos analisar alguns fatores a serem considerados para uma análise séria, tentando ser o mais objetivos possível, evitando julgamentos de valor sobre quem está certo e quem está errado.

Como sempre fazemos nesta coluna, basearemos nossa análise nos fatos militares como eles se apresentam no terreno e não como são apresentados pela propaganda. Então, quanto tempo durará esta guerra? Qual é a equação determinante, o fator determinante?

MATEMÁTICA DOS MÍSSEIS

O principal fator determinante da duração desta guerra – sua provável duração – é a chamada “equação matemática dos mísseis”.

Em nosso artigo publicado no Velho General na quinta-feira, dia 5 ([O Irã está recebendo ajuda?](#)), afirmamos: “Os israelenses dispararam muitos mísseis, e não acho que eles possam sustentar isso indefinidamente, e nós não conseguimos produzir o suficiente para acompanhar. Então, Pode ser que, no fim das contas, neste caso, a logística determine o resultado final, pois não acredito que haja qualquer perigo de os iranianos ficarem sem mísseis.”

Hoje, discutiremos a equação matemática dos mísseis. Qual é essa equação? Quantos mísseis interceptores Israel e os Estados Unidos têm na região? Quantos mísseis de ataque o Irã possui? Quantos já lançou? Quantos ainda restam?

A questão crucial gira em torno dessa equação matemática dos mísseis.

Lembre-se de que existem especialistas militares americanos muito objetivos, como o coronel Douglas Macgregor e Scott Ritter, que afirmam que os Estados Unidos estão ficando para trás. A taxa de produção de mísseis Patriot é de 650 por ano. A de mísseis THAAD é de aproximadamente 200 por ano. A capacidade dos EUA de aumentar a produção nessas áreas é limitada. E não podemos esquecer que a China bloqueou a exportação de elementos de terras raras para os Estados Unidos, que são cruciais para a guiagem desses mísseis.

Como podemos ver, o estoque é limitado. O Irã tem disparado mísseis em um ritmo muito maior do que na guerra de 2025. Estima-se que possua um arsenal de 3.000 a 5.000 mísseis, de acordo com estimativas padrão. Eles os produzem internamente em fábricas subterrâneas. As estimativas de seus drones variam de 30.000 a 80.000.

Os drones Shahed estão sendo usados pelos russos porque são muito eficazes e econômicos. Também sabemos que a precisão dos mísseis iranianos melhorou significativamente desde 2025. Anteriormente, eles dependiam muito do GPS americano, que os americanos podiam desativar ou enganar; agora eles baseiam no sistema chinês Beidou e são muito precisos.

A estratégia iraniana, pelo que entendemos, era algo como: primeiro, lançaríamos mísseis subsônicos e supersônicos, forçaríamos os israelenses e americanos a esgotarem seus estoques de mísseis interceptores e, em seguida, começaríamos a usar mísseis hipersônicos.

Já vimos o impacto em Tel Aviv, em locais muito importantes, apesar da forte censura. O Comando Central dos Estados Unidos admitiu até agora poucos mortos e feridos, três F-15 abatidos e outras perdas claramente documentadas.

De nossa parte, devemos dizer que os radares chineses fornecidos a Teerã têm capacidade limitada para impedir os múltiplos ataques que ocorrem contra o Irã. No entanto, os mísseis

portáteis russos são uma história diferente.

UM FATOR DECISIVO

Os chineses também podem representar um fator decisivo para a vitória na batalha. Sabemos que eles estão fornecendo mísseis de cruzeiro antinavio ao Irã. Quantos deles possuem em seu arsenal? Não sabemos. Segundo relatos, houve um grande número de voos de aviões de carga pesados chineses entrando e saindo da China rumo ao Irã. Outra questão a considerar: quanto tempo durou a guerra no ano passado, em junho de 2025? Doze dias. Naquele momento, o arsenal de mísseis interceptores de Israel já estava perigosamente esgotado.

Reportagens da mídia indicaram que Israel, devido ao seu tamanho muito pequeno – essa é a sua maior desvantagem estratégica; o país tem aproximadamente 450 quilômetros de norte a sul, e seu ponto mais estreito tem 15 quilômetros –, os danos que podem ser infligidos em um espaço tão confinado tendem a ser proibitivos. E eles sofreram US\$ 50 bilhões em danos até junho de 2025. Este ano, a cadência de disparo dos mísseis interceptores – eles estão sendo disparados de nove países do Golfo e do Chipre – e a sua taxa de consumo é muito maior. Nos próximos dias, os estoques de mísseis devem se aproximar do ponto de perigosa depleção, o que chamamos de limiar da dor.

LIMIAR DA DOR

Será que a guerra vai parar no limiar da dor? Aqui, dois fatores se cruzam: qual é a vontade de lutar? Esse é o primeiro, e a resiliência é o segundo. Poderíamos dizer que o moral nacional é o terceiro.

A vontade de lutar é maior no Irã. Em Israel, é a mesma ou maior? E nos Estados Unidos?

De acordo com uma pesquisa pré-guerra, 80% dos americanos eram contra a guerra contra o Irã. Não parece que esses números tenham mudado hoje, e se os corpos em sacos começarem a chegar com mais frequência, veremos esse número despencar.

Já vimos isso acontecer antes; existem modelos preditivos suficientes: a Guerra do Vietnã, o Iraque, o Afeganistão. O público americano não gosta de ver corpos em sacos. Donald Trump prometeu a eles que não haveria mais guerras intermináveis, mas é exatamente isso que ele está lhes dando.

Ele falava em quatro a cinco semanas. Ali Larijani, secretário do Conselho de Segurança Nacional do Irã, afirmou que a situação poderia se agravar: *“Os americanos estão preparados para lutar por semanas, nós estamos preparados para lutar por meses.”*

INDIGNAÇÃO NACIONAL

Ao matar o aiatolá, eles mataram o papa dos xiitas; a população está furiosa. Este evento uniu a nação, ao invés de dividi-la. A menos que enviem tropas terrestres, não será possível mudar o resultado.

Os americanos colocarão botas no terreno?

A história militar demonstra que a Doutrina Douhet, que apostou tudo no poder destrutivo do bombardeio estratégico para quebrar a vontade do inimigo, raramente alcança a vitória por si só. Essa doutrina de bombardeio (agora com mísseis, drones, foguetes, etc.) subestima a capacidade das sociedades de resistir a ataques aéreos. Mísseis podem destruir infraestrutura, mas não podem ocupar, administrar ou assegurar território permanentemente; essa continua sendo a tarefa fundamental da infantaria.

A guerra moderna funciona melhor sob o conceito de armas combinadas, onde o ar prepara o caminho, mas as forças terrestres consolidam o objetivo político.

Sem botas no terreno, o controle é temporário e frequentemente inconclusivo.

Neste caso, as únicas tropas em terra são os curdos. Serão eles enviados para lutar? Há cerca de 750 quilômetros da fronteira curda até Teerã. A lógica militar não se encaixa.

Os americanos enviarão tropas terrestres?

Lembremos que os preparativos para a Operação Tempestade no Deserto duraram pouco mais de cinco meses. Esse período de mobilização e defesa, conhecido como Operação Escudo do Deserto, começou quase imediatamente após a invasão iraquiana do Kuwait em 2 de agosto de 1990. Além disso, a coalizão mobilizou quase 700.000 soldados e uma vasta quantidade de equipamentos por via aérea e marítima.

Isso é viável hoje? Acreditamos que, se Donald Trump tentasse enviar tropas para terra, estaria buscando sérios problemas políticos nos Estados Unidos.

O ANTÍDOTO IRANIANO

O Irã encontrou um antídoto simples: comando descentralizado. Os 31 distritos da Guarda Revolucionária Iraniana têm ordens semelhantes a missões: *“Atirem à vontade, vocês já receberam instruções sobre quais alvos atacar; atirem à vontade, não busquem ordens de Teerã.”* Todos estarão assistindo à televisão, e é por isso que americanos e israelenses atacaram a televisão, mas existem rádios transistores.

Estamos perto do clímax? Quantos dias faltam? Quão além do limiar da dor? Quantas semanas? De quatro a cinco semanas, segundo a análise de Trump; muitos meses, segundo a

análise de Larijani.

Até quando os israelenses podem resistir? Eles são um povo guerreiro; a história militar comprova isso. Vários de seus comandantes ensinaram: “É preciso ser objetivo na guerra; não se pode deixar que emoções subjetivas ditem os planos de ação e os planos operacionais. A objetividade é o requisito fundamental para uma campanha bem-sucedida.” (Esta citação é atribuída a Ariel Sharon, que foi um proeminente comandante militar e posteriormente primeiro-ministro de Israel).

SEM RESTRIÇÕES

O Irã está causando sofrimento econômico ao Oriente Médio e ao mundo; o petróleo vem do Golfo, o gás natural vem do Golfo. Os preços do petróleo sobem, o mundo inteiro sofre.

Vamos lembrar um axioma da Guerra do Vietnã: “Um exército guerrilheiro vence se não perde; um exército regular perde se não vence.” Esse é um ponto crucial a se considerar neste conflito: o Irã está lutando por sua sobrevivência; ele tem muito pouco a perder.

Como já afirmamos nesta coluna, é relativamente fácil começar guerras, mas muito difícil terminá-las. E quando uma guerra não pode ser terminada, e não é iniciada com uma estratégia de campanha adequada e uma estratégia de saída, e é travada em um ano eleitoral, em uma eleição de meio de mandato, as consequências políticas podem ser muito graves.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
